

Um Verdadeiro Conto
de terror

Biografia

**Autor: Luiz Fernando Solza Silva
E Hernanes**

**Luiz Fernando Souza Silva foi Nascido: Marabá dia
11 de julho de 2008**

Ele tem agora 15 anos de idade

Matinta Perera

é uma personagem do folclore brasileiro, mais precisamente na Região Norte do país.[1] Trata-se de uma bruxa velha[2] que à noite se transforma em um pássaro agourento que pousa sobre os muros e telhados das casas e se põe a assobiar, e só para quando o morador, já muito enfurecido pelo estridente assobio, promete a ela algo para que pare (geralmente tabaco, mas também pode ser café, cachaça ou peixe). Assim, a matinta para e voa, e no dia seguinte vai até a casa do morador perturbado para cobrar o combinado. Caso o prometido seja negado, uma desgraça acontece na casa do que fez a promessa não cumprida.

Origem da martinda Pereira

Não se sabe ao certo a origem da lenda, muitos dizem que se trata de uma feiticeira que usa da magia para se transformar em matinta. Os mais velhos diziam que a sina de transformação seria hereditária, ou seja passaria de mãe para filha. No caso de não haver herdeira para a sina matinta, a dona da maldição se esconde na floresta e espera que uma mulher passe por lá. Quando uma mulher finalmente passa, então ela pergunta: "quem quer?". Se a moça responder: "eu quero!" então ela se torna ainda naquela noite a Matinta Perera

Versões

Nas cidades amazônicas existem duas versões para a lenda da matinta, a primeira é que ela se transforma em uma coruja rasga-mortalha ou num corvo, outra versão diz que ela se veste de uma roupa preta que lhe cobre todo o corpo dando-lhe nos braços uma espécie de asa para que possa planar sobre as casas.

Armadilha

Há quem diga que existe um jeito de prender a Matinta e os materiais são simples: uma tesoura, uma chave comum, um rosário bento e uma vassoura virgem. A chave deve ser enterrada e a tesoura fincada em cima do local, o rosário se põe por cima da tesoura. Toda matinta que passar por ali ficará presa, mas depois que ela for libertada deve-se varrer o local com a vassoura para que a sina não se espalhe. Outra versão diz que ela não pode ouvir o nome de qualquer deus enquanto estiver transformada, pois se não o feitiço acaba, já que, sendo uma bruxa, não tem uma religião.

Lenda do Saci-pererê

A lenda do Saci-pererê é considerada uma das mais emblemáticas do folclore brasileiro.

O Saci-pererê, ou simplesmente saci, é um menino negro e travesso, que fuma cachimbo e carrega uma carapuça vermelha que lhe concede poderes mágicos.

Uma das importantes características desse personagem é que ele possui apenas uma perna.

A história do Saci-pererê

O Saci-pererê é um personagem muito travesso que se diverte fazendo brincadeiras com os animais e com as pessoas.

De acordo com as estórias, as suas principais travessuras são fazer tranças no rabo dos animais durante a noite, esconder objetos (como os dedais das costureiras), assobiar de maneira muito estridente para assustar os viajantes, trocar o recipiente de sal pelo de açúcar e distrair as cozinheiras para elas queimarem a comida.

O Saci é o guardião das ervas e das plantas medicinais, por isso, confunde as pessoas que tentam pegá-las sem autorização. Ele conhece as técnicas de preparo e sabe como utilizar as plantas para fins medicinais.

A lenda garante que para capturar o Saci-pererê, a pessoa deve arremessar uma peneira nos redemoinhos de vento. Dessa maneira, após capturá-lo, é necessário retirar-lhe o gorro para prendê-lo em uma garrafa.

Acredita-se que o Saci nasceu do broto de bambu, permanecendo ali até os sete anos e, após esse período, vive mais setenta e sete praticando suas travessuras entre os humanos e os animais. Por fim, ao morrer, o Saci torna-se um cogumelo venenoso.

A origem do Saci-pererê

A lenda do Saci-pererê existe desde fins dos tempos coloniais e tem origem nas tribos indígenas do sul do Brasil.

O termo "Saci" vem do termo tupi sa'si, que está relacionado a um pássaro, que é conhecido pelos nomes "Saci", "Matimpererê" ou "Martim-pererê" (em tupi: matintape're).

Inicialmente, o Saci era retratado como um personagem negro e endiabrado, que possuía duas pernas e um rabo.

A partir da influência africana, ele perde a perna lutando capoeira e adquire o hábito de fumar o pito, ou seja, o cachimbo.

O gorrinho vermelho do Saci-pererê, por sua vez, advém do folclore do norte de Portugal. Era utilizado pelo lendário Trasgo, que possuía poderes sobrenaturais.

A lenda é contada em todas as regiões brasileiras e, por isso, a estória modifica-se conforme o local. Em alguns lugares, ele possui nomes diferentes como: Saci-Cererê, Matimpererê, Matita Perê, Saci-Saçurá e Saci-Trique.

Porca de bobs

Contam que uma certa mulher, depois de ter batido muito em sua mãe, por encanto passara a se transformar numa Porca de Bobs. Sempre que se transformava, a mulher estava de bobs e permanecia com eles espalhados sobre sua cabeça. Antigamente a Porca de Bobs costumava ficar mais no local onde hoje é o Estádio Zinho Oliveira, já que ali era matagal e possuía uma única ponte para passagem das pessoas. Costumava assustar as pessoas que voltavam das festas. Muitos dizem que hoje ela ainda paga pelo que cometeu. Ainda hoje é possível encontrar pessoas que afirmam com toda convicção que a Porca de Bobs realmente existe. ACREDITA-SE, SEGUNDO OS HISTORIADORES DE MARABÁ, QUE A LENDA DENOMINADA PORCA DE BOBIS, É A ÚNICA LENDA ORIGINAL DE NOSSA CIDADE, ENTRETANTO, OS EDUCADORES COSTUMAM TRABALHAR, COM AS DEMAIS LENDAS

POR EXEMPLO: A BOIÚNA, CAIPORA, MARTINTA PEREIRA e O BOTO.

A LENDA QUE MAIS SE APROXIMA DA NOSSA REALIDADE É A DA BOIÚNA, PORÉM, TRATA-SE DE UMA ADAPTAÇÃO, DA COBRA GRANDE, E DAI ORIGINOU A LENDA DA BOIÚNA, MUITOS MORADORES RIBEIRINHOS DE MARABÁ ACREDITAM QUE A LENDA DA BOIÚNA É VERDADEIRAMENTE MARABAENSE, MAS A LENDA DA COBRA GRANDE É MAIS ANTIGA.

Buiuna

A lenda da cobra grande, também chamada de "lenda da cobra grande da Amazônia" é muito popular nas regiões norte e nordeste do país.

Esse personagem do folclore brasileiro, também conhecido pelos nomes Cobra Honorato, Norato ou Boiuna, é uma cobra gigantesca cujo habitat é as profundezas dos rios ou dos lagos. Seus olhos são luminosos e aterrorizam as pessoas que a encontram. Presente no imaginário de muitas pessoas, essa lenda inspirou a criação de diversas músicas, poemas e filmes. a grande cobra da Amazônia.

Versões da Lenda da buiuna

Dependendo da localidade (Amazônia, Pará, Tocantins, Roraima, etc.), existem diversas versões dessa lenda, as quais foram passadas de geração em geração.

A estória mais comum por trás dessa personagem ameaçadora é da índia de uma tribo amazônica que ficou grávida da cobra Boiuna.

Ela deu à luz a duas crianças gêmeas que nasceram com aparência de cobras. O menino recebeu o nome de Honorato (ou Norato); e a menina, Maria Caninana.

Assustada com a aparência de sua prole, ela decidiu lançar seus "filhos-cobras" no rio.

A diferença entre a personalidade dos irmãos era notória. Ou seja, enquanto Honorato tinha um coração bom e sempre visitava sua mãe, Maria, por sua vez, guardava rancor e nunca foi visitá-la.

Por conta de seu temperamento, Maria sempre estava assustando a população e os animais, ou mesmo naufragando embarcações. Seu irmão, que era o contrário, não gostava nada de suas ações. Assim, cansado e triste com os atos de sua irmã, ele resolve matá-la para pôr fim ao sofrimento de muitas pessoas. Algumas versões relatam que em noites de lua cheia Honorato adquiria a forma humana e podia caminhar pela terra. No entanto, quando passava a lua cheia ele voltava para sua vida nos rios. Acreditava-se que para quebrar o encanto, uma pessoa deveria ferir a cobra na cabeça, além de colocar leite em sua enorme boca. A questão é que com todos que ele falava, não tinham coragem pois se assustavam com a criatura no momento que ele se transformava.

Sem dúvida, ninguém queria enfrentar a cobra grande. Até que um dia, um soldado muito corajoso o libertou da maldição. Assim, Honorato pode viver na terra como uma pessoa comum e perto de sua família..

Em outra versão, uma mulher muito má, pertencente a uma tribo amazônica, costumava matar e devorar crianças. Indignados, os habitantes da tribo resolveram jogá-la no rio.

Entretanto, ela não morreu pois foi salva por uma espécie de demônio chamado de Anhangá. Por fim, eles se casam e tem um filho que foi transformado em cobra por seu pai, para que assim, ele pudesse viver com seus pais no rio.

Com o tempo ele foi crescendo até atingir um tamanho descomunal, tanto que os rios já não tinham mais peixes. Com isso, a cobra grande começou a aterrorizar e devorar pessoas das tribos que viviam próximas dos rios. Quando sua mãe morreu, a cobra ficou tão enfurecida que resolveu viver num estágio de letargia embaixo das cidades grandes. Noutra versão, quando morre sua mãe, a cobra grande fica triste e furiosa que seu olho torna-se tão brilhante que chega a soltar flechas de fogo. Essas flechas eram atiradas no céu, e, portanto, acredita-se que ela atuava nas tempestades.

Origem da Lenda

A origem da cobra grande é indígena e provavelmente surgiu na região amazônica. Hoje é uma das lendas mais conhecidas entre os habitantes que vivem próximos dos rios, os chamados ribeirinhos.

Acredita-se que a cobra grande foi responsável por criar parte dos rios. Isso porque ao se rastejar ela deixava sulcos gigantescos na terra, que com o tempo, se transformaram em rios caudalosos, como o Amazonas.

A verdade é que na região existem muitas cobras imensas que medem até 10 metros de comprimento e chegam a pesar mais de 200 Kg. Destaca-se a cobra sucuri, também chamada de anaconda, boiaçu e boiuna.

Curupira

No folclore brasileiro, o Curupira é um personagem descrito como um anão forte e ágil de cabelos ruivos que possui os pés virados para trás.

Assim, ao caminhar, o curupira consegue enganar alguém que pretenda segui-lo olhando para suas pegadas. O perseguidor pensará sempre que ele foi na direção contrária.

A lenda afirma que o Curupira vive na mata fazendo travessuras, sendo considerado o protetor das florestas.

A história do Curupira no folclore brasileiro

O Curupira, conhecido como “demônio da floresta”, assobia e utiliza falsos sinais.

Ele reúne muitas histórias que envolvem mistérios inexplicáveis, por exemplo, o desaparecimento de caçadores, bem como o esquecimento dos caminhos.

Dizem que com seus pés virados para trás, o Curupira engana e confunde as pessoas que danificam seu habitat, por exemplo, os caçadores, madeireiros, lenhadores, etc. Esse personagem folclórico, que adora fumar e beber pinga, não gosta de locais muito habitados e, por esse motivo, prefere viver nas florestas.

Uma outra característica e, talvez o ponto fraco do Curupira, é a sua curiosidade. Assim, a lenda adverte que para escapar de suas armadilhas, a pessoa deve fazer um novelo com cipó e esconder bem a ponta.

Muito curioso, ele fica entretido com o novelo e a pessoa consegue fugir. Até os dias atuais, para que não sejam incomodados pelo Curupira, muitos caçadores e lenhadores costumam oferecer-lhe pinga e fumo quando chegam à floresta.

Qual a origem da lenda do Curupira?

Há controvérsias sobre a data de criação da lenda do Curupira. Contudo, o padre jesuíta espanhol José de Anchieta (1534-1597) escreveu sobre o personagem no XVI, denominando-o como “demônio que acometem os índios”.

Para os índios e os bandeirantes, o Curupira era considerado uma criatura perigosa, demoníaca, maliciosa, muito temida.

Isso porque esse personagem esteve associado a muitos casos de violência, abusos sexuais, rapto de crianças e horror psicológico.

Capaz de enfeitiçar as crianças, o Curupira as raptava e somente depois de sete anos elas eram devolvidas aos pais. Por isso, ele ficou conhecido como o mau espírito, disposto a assombrar as noites dos índios e dos bandeirantes.

Curiosidades sobre o Curupira

Do tupi guarani, o termo Curupira (kuru'pir) significa “corpo de menino”.

O Dia do Curupira é comemorado 17 de julho.

Em São Paulo, no Horto Florestal, há um monumento ao Curupira, inaugurado no Dia da Árvore (21 de setembro).

A lenda do Curupira pode variar de região para região. Há lugares em que ele é representado por um duende, com orelhas grandes e pontudas. Em outros, ele não possui cabelo e aparece carregando um machado.

O Curupira é muitas vezes confundido com outro personagem do folclore brasileiro: a Caipora. Os dois personagens gostam muito de fumar e de beber, são muito ágeis e, sobretudo, zeladores das florestas.

Mula sem cabeça

Um homem acorda assustado no meio da madrugada após ter um pesadelo horrível e, ao despertar, começa a ouvir dentro de seu apartamento passos de cavalos vindos da sala. Pensando que ainda estava sonhando, deu de ombros e recostou novamente sua cabeça no travesseiro, mas assim que fechou os olhos, começou a escutar um som estranho, como se fosse um cavalo a roçar seu pelo na parede. Percebendo de que não se tratava de um sonho, o homem se levantou e foi até a sala só para desentargo de consciência, pois ele morava no 7º andar, não era possível haver cavalos andando pelo prédio e muito menos em sua sala. Mas quando o homem chegou até a sala de sua casa, viu uma luminosidade estranha na escuridão e insidiosamente foi arrebatado ao chão depois de sentir uma forte dor em seu peito, mas sem saber o que a havia causado.

No centro histórico de São João Del Rei, num apartamento alugado de arquitetura sombria e misteriosa, a campainha da porta de entrada tocou e o professor universitário aposentado Dr. Honorato, o maior folclorista do Brasil e especialista em mitologia e no sobrenatural, abriu a porta e, com um olhar penetrante e misterioso, disse:

– Eu sabia que um dia você iria me procurar. Por favor, entre.

Pela porta entrou um homem distinto e garboso que, ao se sentar junto ao Dr. Honorato, se apresentou como Alencar – o investigador criminal – e disse:

– O senhor sabe quem eu sou?

– Não. Eu sei o que você quer!

– E o que é que eu quero?

– Você quer respostas para a suas perguntas.

– E o senhor pode me dá-las?

– Se você não as fizer como poderá saber?

– Dr. Honorato, meu nome é Alencar, eu sou consultor de investigação criminal da polícia de São João. Na sexta-feira passada um homem foi encontrado morto na sala de sua casa, ele estava sem os olhos, e o nosso melhor legista afirmou que aquele sujeito havia morrido devido a pancada causada por um coice de cavalo, cuja marca no peito denunciava, mas quando ele ficou sabendo que este homem foi encontrado morto no 7º andar de um prédio no centro histórico de São João Del Rei, ele riu e disse não ter entendido, ele me afirmou que a causa da morte foi o traumatismo físico causado pela pancada de um coice de cavalo, eu não dei muitos detalhes ao legista e retornei a delegacia, onde expus a causa da morte para meus colegas de investigação

criminal, e como era de se esperar, passado uma semana, ninguém até agora conseguiu explicar o como alguém poderia morrer por causa de um coice de um cavalo no 7º andar de um prédio, foi então que, depois de encontrar vestígios de enxofre na cena do crime, e marcas nos objetos de uma queda de temperatura bruta na hora do crime, eu pensei que talvez o senhor pudesse me dar respostas das quais eu não consigo alcançar.

Depois de um minuto de silêncio, enquanto andava de um lado para o outro no meio da sala, Dr. Honorato virou-se para Alencar e disse:

– Eu preciso saber mais detalhes para descartar todas as hipóteses possíveis. Dê-me o arquivo do caso e me deixe trabalhar em casa, em uma semana eu encontro o assassino para você.

Dr. Honorato foi tão confiante naquele encontro desde que abriu a porta de sua casa que Alencar imediatamente deixou a ficha do caso com ele. Colocando-a sobre a mesa, olhou para Dr. Alencar

e disse:

– Uma semana?

E Dr. Alencar acenou com a cabeça afirmando que sim.

Após deixar a fixa sobre a mesa, Alencar saiu do apartamento e, antes de entrar no elevador, disse:

– Dentro de uma semana estarei aqui.

Alencar então se despediu com os olhos e fechou a porta. Em seguida, foi até a mesa, pegou a fixa do caso, foi até seu quarto, colocou sobre o seu quadro negro que possuía para fazer as anotações de seus livros e colou ali todas as fotos e informações sobre o caso. Em seguida Dr. Honorato se sentou em sua cadeira de balanço e ali ficou durante horas e horas a analisar.

O quadro continha as fotos do corpo com a marca da ferradura no peito; fotos da ferradura caída ao lado do corpo no chão, testemunhos oficiais do porteiro do prédio e de uma prostituta de rua dizendo que ouvira, minutos antes do crime, passos de cavalo na rua e depois no prédio e, por fim, o relatório do legista.

Depois de três dias somente analisando em silêncio todo aquele material colado no quadro, Dr. Honorato se manifestou. Ligou para o investigador Alencar e convocou um encontro com ele naquele momento em sua casa. Alencar saiu da delegacia e foi até o prédio de Dr. Honorato no centro do Rio e, lá chegando e se acomodando, ouviu do Dr. Honorato a seguinte explicação:

– Meu caro Alencar, o caso que você me trouxe para estudar é o primeiro do tipo que você pega?

– Do tipo bizarro e inexplicável? Sim!

– Bem, bizarro sim, inexplicável não!

– Então você sabe quem é o assassino?

– A questão aqui não é quem matou aquele homem, mas sim o quê o matou?

– Como assim?

– Ora meu caro detetive, se o que eu vou lhe dizer agora não soasse absurdo, lhe seria óbvio. Um cavalo que mata um homem no 7^o andar de um prédio. Não é quem você procura mais sim o quê. E o que você procura, por mais estranho que isso possa lhe parecer a princípio, é a Mula sem Cabeça.

Alencar deu um sorriso irônico para o Dr. Honorato e disse:

– Como é que é? Mula sem Cabeça? Você tá brincando comigo não?

– Ora, o detetive aqui é você, e, no entanto, você é que veio procurar minha ajuda, se acaso você consegue explicar como um homem pode morrer com um coice de cavalo no 7º de um prédio, então eu retiro minha afirmação.

– Espera aí, isso não pode ser possível. Eu vim aqui pensando que o senhor iria me dizer que o assassino foi um mentalista, um mágico, uma bruxa, até mesmo um fantasma, mas isso? Mula sem Cabeça? Isso é completamente sem precedentes em minha vida. Então quer dizer que isso é real mesmo? O senhor não está brincando?

E Dr. Honorato maneava a cabeça dizendo que não estava brincando. Alencar então se sentou no sofá e disse:– Vai Dr. Honorato, diga o que o senhor descobriu.

– Meu caro detetive, o que você procura é a Mula sem Cabeça. Reza a lenda que no interior de Minas Gerais havia uma bela mulher que ia todos os dias se confessar com o padre na igreja. Depois de algum tempo ela confessou ao padre que estava apaixonada por ele. O padre de início resistiu àquela paixão e à beleza fulminante daquela mulher, mas com o tempo não aguentou mais e então começaram a ter ali mesmo na igreja um relacionamento amoroso que eles por motivos óbvios mantinham em segredo de toda a população da cidade que, como de costume, já havia começado a desconfiar dos dois e a comentar do possível romance entre eles.

Certa noite, no entanto, a mulher pediu ao padre para que ele tirasse sua virgindade. O padre já completamente apaixonado pela moça, não se negou, levou-a até a sacristia da igreja e ali mesmo eles passaram a noite se amando loucamente, e assim foi durante todos os dias a semana toda. Todavia, quando chegou a noite de quinta para sexta-feira, os

dois estavam lá trancados na sacristia da igreja, quando, no clímax da relação, ela tirou sua roupa e, estando nua frente ao padre, de repente, começou a se sentir mal e, dentro de um minuto, viu seu corpo se transfigurar no corpo de uma Mula sem Cabeça que soltava fogo pelo pescoço.

Desesperada e morrendo de vergonha, a Mula sem Cabeça saíra correndo da igreja e percorreu sete povoados da região, e em cada um deles em que encontrava uma pessoa pela estrada, a atacava e arrancava seus olhos e depois os comia, tirando as unhas de sua vítima, limpava seus dentes de mula com as unhas da vítima.

Quando o sol raiou, a Mula sem Cabeça se transformou novamente em mulher. Ela então, no meio do mato, ficou completamente nua. Foi até a casa mais próxima e roubou algumas roupas do varal, vestiu-as e retornou à igreja a procura do seu padre amado. Lá chegando se encontrou com ele e ambos, chorando, terminaram o relacionamento por

mesmo com muita insistência dele, ela não voltou atrás. Terminou tudo, foi para sua casa e lá ficou deprimida durante toda a semana.

No entanto, na noite de quinta para sexta-feira ela começou a se sentir mal novamente e, de repente, viu-se em sua casa, na frente do espelho, transformarse em Mula sem Cabeça. Ela desesperada saiu pelas ruas da cidade a relinchar e a galopar como um cavalo bravo.

Lenda do Lobisomem

A famosa lenda do Lobisomem também tem uma versão santista. Acredita-se que, em meados dos anos 40, o Morro da Penha tenha abrigado um exemplar que, nas noites de lua cheia, se transformava em um monstro semelhante a um lobo gigante, com pelos escuros, garras e presas, que uivava alto para a lua.

A lenda tem origem baseada na história de uma família que teria morado no bairro. Composta por um casal e sete filhos homens, a casa da família emanava sons estranhos durante as noites de lua cheia, como portas e janelas batendo, panelas caindo, choros, gemidos e o característico uivo do monstro. Aterrorizados com os barulhos horripilantes, os moradores passaram a se esconder nas próprias casas e trancá-las - o que não era tão comum na época. A rotina de medo seguiu até a família desaparecer subitamente do bairro, momento em que a população ligou os fatos:

a lenda do lobisomem diz que o sétimo filho de um casal é amaldiçoado com a transformação e, naquela casa, havia sete irmãos.

“Esta lenda também podemos relacionar com a questão dos medos e receios contidos nas pessoas, além das histórias, lendas e tradições que as pessoas trazem consigo. Isto porque a maioria dos habitantes da Cidade neste período era de migrantes e imigrantes, então provavelmente houve alguma situação relacionada a essa família que assustou várias pessoas e, a partir da forma que foi contada, se transformou em lenda. Como diz o ditado popular: “Quem conta um conto, aumenta um ponto””, acrescentou Almeida.

História e origem da lenda do Boitatá

O Boitatá, protetor das florestas, é um personagem do folclore brasileiro.

A lenda do Boitatá descreve esse personagem folclórico como uma grande serpente de fogo. Ele protege os animais e as matas das pessoas que lhe fazem mal e, principalmente, que realizam queimadas nas florestas.

Na narrativa folclórica, essa serpente pode se transformar num tronco em chamas, com o intuito de enganar e queimar os invasores e destruidores das matas. Acredita-se que a pessoa que olhar o Boitatá torna-se cega e louca.

Origem da Lenda: a história do Boitatá

A lenda do Boitatá é de origem indígena, e a palavra Boitatá, na língua Tupi-Guarani, significa cobra (boi) de fogo (tata). Apesar de ser oriunda da língua indígena, a lenda do Boitatá encontra-se num texto do século XVI do Padre Jesuíta José de Anchieta.

Vale lembrar que José de Anchieta baseou-se nos relatos dos indígenas para compor seu texto: Há também outros (fantasmas), máxime nas praias, que vivem a maior parte do tempo junto do mar e dos rios, e são chamados “baetatá”, que quer dizer coisa de fogo, o que é o mesmo como se se dissesse o que é todo de fogo. Não se vê outra coisa senão um facho cintilante correndo para ali; acomete rapidamente os índios e mata-os, como os curupiras; o que seja isto, ainda não se sabe com certeza.” (In: Cartas, Informações, Fragmentos Históricos, etc. do Padre José de Anchieta, Rio de Janeiro, 1933)

O Boitatá no folclore brasileiro

A lenda do Boitatá sofreu muitas modificações ao longo do tempo e, portanto, reúne diversas versões. Assim, dependendo da região do Brasil, o nome do personagem pode variar: Baitatá, Biatatá, Bitatá e Batatão.

Numa das versões da lenda, uma grande cobra vivia adormecida num imenso tronco e ao despertar, faminta, resolveu comer os olhos dos animais. Cada vez mais, ela emitia uma grande e intensa luz, tornando-se uma cobra de fogo. Ao proteger a floresta, ela assustava as pessoas que iam às matas durante à noite.

No norte e nordeste do Brasil, a imensa cobra de fogo vive nos rios, e sai no momento em que há invasores nas florestas para queimá-los.

Segundo alguns nordestinos, o boitatá, conhecido como "Alma dos Compadres e das Comadres", representa as almas penadas malignas que passam queimando tudo.

Já no sul do país, a versão que prevaleceu advém da história bíblica do Dilúvio. Nela, muitos animais morreram, e as cobras que sobreviveram tiveram como castigo o fogo.

Há ainda uma versão, em que o Boitatá não é uma grande cobra, e sim um touro feroz que solta fogo pela boca.

LENDA DO BOTO COR-DE-ROSA

O boto cor-de-rosa é um dos personagens do folclore brasileiro e tema de uma lenda interessante com origem na Amazônia. Acredita-se que, à noite, o boto possa se transformar em um homem, hipnotizando e seduzindo jovens inocentes. O boto, na realidade, é um golfinho fluvial, bastante presente nas águas dos rios Amazonas, Solimões e Araguaia, com uma coloração mais rosada.

ORIGENS, APARÊNCIA E COMPORTAMENTO DO BOTO-COR-DE-ROSA

O personagem do folclore Boto é inspirado nesta espécie de golfinho de água doce. São mamíferos cetáceos e podem chegar a 2,55m de comprimento e até 185kg. Se alimenta de peixes, tartarugas e até caranguejos.

É um animal que tem tendência a nadar sozinho, sem grande velocidade. Somente se junta a um bando na época de reprodução. Pode ainda ser encontrado não só no Norte do Brasil, como também Bolívia, Peru, Equador Venezuela e Colômbia.

A LENDA DO BOTO COR-DE-ROSA

Rosita era uma jovem indígena de 18 anos que vivia em uma casa perto das margens do poderoso rio Amazonas. Todos os dias ela ia ao rio para levar água para a casa da família. Certa noite, ao anoitecer, enquanto buscava água, ela se afastou de seu lugar habitual e ficou na margem do rio observando a correnteza.

Ela se despiu e mergulhou no rio para um mergulho refrescante. De repente, ela estremeceu, superada pela estranha sensação de que alguém a estava observando. Um jovem de pé sorriu e olhou descaradamente para seu corpo nu.

Esponaneamente, como se controlada por uma força sinistra, levantou-se da água, e caminhou na direção dele. Seus pés se moviam em passos pequenos e constantes, puxando-a para o homem cujo magnetismo ela não conseguia resistir e cujo encantamento a obrigou a cair em seus braços, beijando-o.

Rosita sussurrou para o estranho: “Quem é você e de onde você é?” O homem respondeu: “Eu sou um pescador do rio”. Eles passaram a noite juntos, num abraço apaixonado, fazendo amor a noite inteira. Daquela noite em diante, eles se encontraram todas as noites ao pôr do sol, e passaram a noite juntos sob as estrelas brilhantes e no segredo da noite escura, fazendo amor.

Com o passar do tempo, o jovem pescador dormia com Rosita todas as noites, mas misteriosamente saía todas as manhãs antes da primeira luz e retornava apenas depois do anoitecer. No entanto, certa manhã, a amante de Rosita não saiu antes do amanhecer, e ela sentiu um estranho corpo molhado ao seu lado. Incrivelmente, havia um golfinho cor-de-rosa na cama de Rosita. Longe da água, o golfinho rosa caiu no chão, incapaz de escapar. Chocado, o pai pegou a espingarda e atirou na sua cabeça.

O misterioso pescador não era humano, mas sim o Boto – um golfinho cor-de-rosa que tinha a capacidade de se transformar em humano à noite e que havia seduzido Rosita.

Bicho-papão

O Bicho-papão é um dos personagens do folclore mais conhecidos da cultura popular infantil.

Esse “monstro” está presente nas histórias contadas em quase todos os povos do mundo. No Brasil, ele é conhecido em todas as regiões.

Lenda do Bicho-papão

O Bicho-papão está presente no imaginário de todas as crianças brasileiras. Desde pequenos ouvimos falar de um suposto monstro que aterroriza as crianças malcriadas e mal-educadas. Esse “monstro” tem uma aparência assustadora e aparece no quarto das crianças desobedientes. Ele fica embaixo da cama, atrás da porta ou dentro do armário para assustá-las enquanto elas dormem.

Além disso, ele come as crianças teimosas. Com base nisso, surgiu seu nome (do verbo "papar", que é sinônimo de "comer").

Em algumas versões da lenda, o Bicho-papão permanece no telhado das casas, analisando o comportamento das crianças da residência.

Em relação à sua aparência não há um consenso. Para alguns trata-se de um monstro muito grande e gordo, que tem os olhos vermelhos. Para outros, ele possui formas que se assemelham às da Cuca.

Há ainda algumas versões que afirmam que o personagem tem o poder de mutação e assim sendo, se transforma em diversas formas animais.

Diferença entre o Bicho-papão e a Cuca

O Bicho-papão é muitas vezes confundido com a Cuca, outra personagem do folclore brasileiro. Ela é uma bruxa muito feia, com alguma idade, e que possui cabeça de jacaré. Ambos estão associados à desobediência das crianças. Contudo, enquanto a Cuca rapta as crianças malcriadas, o Bicho-papão aparece em suas casas para assustá-las.

As duas lendas apresentam um mesmo propósito educativo: as crianças têm de ser obedientes aos pais e respeitar as regras impostas.

Além da Cuca e do Bicho-papão, o Homem do saco também está presente no imaginário das crianças no Brasil. Essa figura da cultura popular leva um grande saco onde aprisiona as crianças desobedientes.

Música do Bicho-papão

Uma das canções de ninar mais conhecidas no Brasil é a “nana neném”, que faz referência ao Bicho-papão e à Cuca.

As crianças que não querem dormir na hora certa, são levadas pela Cuca ou devoradas pelo Bicho-papão:

**"Nana neném
Que a Cuca vem pegar
Papai foi pra roça
Mamãe foi trabalhar**

**Bicho-papão
Sai do Telhado
Deixa esse neném
dormir sossegado"**

Curiosidades sobre o Bicho-papão

A história do Bico-papão é muito comum na Península Ibérica (Portugal e Espanha). Ainda que seja diferente no aspecto, ele possui a mesma finalidade: aterrorizar e comer as crianças desobedientes. Em Portugal existe uma canção de ninar sobre essa figura popular:

**“Vai-te embora ó papão,
de cima desse telhado,
deixa dormir o menino
um soninho descansado.”**

Filme sobre o Bicho-papão

Diversos filmes foram produzidos com o tema "Bicho-papão". Destaca-se "Meu Amigo Bicho-Papão" (em inglês, Don't Look Under the Bed) que foi lançado em 1999 e dirigido por Kenneth Johnson.

Agradecimentos

De Hernanes e Luiz Fernando Souza Silva

Muito obrigado por ter lido nosso livro

Um Verdadeiro Conto de terror